

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço *ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA*

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 3 DE OUTUBRO DE 1904

NUMERO 48



A CHEGADA DE S. M. A RAINHA SENHORA D. AMELIA AO ESTORIL NO SEU REGRESSO DE CINTRA

Os habitantes do Estoril prepararam uma lindissima recepção a S. M. a rainha na sua passagem de Cintra para Cascaes. Juntaram-se senhoras e cavalheiros, lindas crianças, adoraveis pequenitos que ofereceram flores á soberana. Tinham sido as sociedades de Cascaes á entrada do coucello receber a augusta senhora e um sem numero de zarzallitos e zarzalligas acompanharam o esboço de S. M. a rainha, ao qual elles fizeram todo o honra. E quando chegaram á Avenida Saboya, no Estoril, á hora em que a tarde declinava, choravam flores sobre o trem real e as damas residentes n'aquella localidade acenavam com lenços e bandeiras.

Tinha-se formado um cordão de senhoras e cavalheiros junto a um lindo chalet, foi atestado de flores o chão onde a carruagem devia parar; porém, na surta, toda aquella gente correu a saudar S. M., sendo parado d'este modo o carro a maior distancia entre as entusiasticas acclamações dos assistentes.

E pela linda estrada, quando já começava a anoitecer, o cortejo entre palmas e coberto de flores entrou em Cascaes, recebendo suas magestades á cidadella.

CHRONICA

A' mão armada

Voltamos ao tempo do José do Telhado e do João Brandão, já se fala em quadrilhas e rara é a semana em que não ha uma tragédia. Os assaltos são frequentes, poz-se de lado a burla para se fazer o ataque à mão armada. Foram assassinadas no Porto duas velhotas que tinham grossos cabedales e n'uma quinta isolada foi morto o proprietario por dois ganhões que o roubaram e se foram a caminho de Hespanha, sendo agarrados quasi por acaso.

Não se faz já a falsificação que demanda talento, nem o roubo cheio de peripecias como os do Niza, que eram capitulos de romance. Prova-se que no meio do fracasso geral até os gatunos fracassaram. Houve um regresso; voltam os velhos processos com tiros de pistola e mascaras na cara, adoptaram a maneira de 1830 como os auctores dramaticos e como os actores. Andamos para traz em tudo, louvado seja Deus, até no roubo.

Antigamente havia quasi arte na forma de roubar, agora chegon-se à violencia. O que era por vezes interessante tornou-se brutal. Um roubo cheio de graça e de andacia quasi se perdôa, porque demonstra ao menos o ingenho de quem o faz.

Certo gatuno, sabendo d'um homem que traficava em contrabando, foi ter com elle e alugou-lhe uma casa. Não pagou a renda e quando o senhorio foi procural-o deixou a porta meia aberta e poz-se curvado sobre uma nota de cinco mil réis, fingindo que a desenhava.

Com um grito de alegria e de pasmo o traficante exclamou:

—Que perfeição . . . tem muitas assim?!

—Por enquanto só esta. E' a primeira . . . Mas quasi não merece a pena. . .

—Porque?!

—Não é lucro que se veja . . . Agora se eu as fizesse de com ou de cincuenta, vá. . .

—Mas porque não as faz?!

—Ah! Isso é bom de dizer . . . mas os modelos?!

—Homem talvez se arranjer . . . a questão era. . .

—Dividir os lucros?! Pois vá feito . . .

D'ahi a uma hora o senhorio entrava com uma porção de notas de varios padões e d'ahi a duas o gatuno tinha desaparecido para sempre com o producto da sua esperteza.

Ainda ha pouco tempo andava ali por Lisboa um gatuno de chapu alto e sobrecasaca, que entre outras andacias tinha a de roubar correntes com tanta delicadeza que nem se suspeitava sequer do attentado. Depois do roubo, o homem levava a jaqueta a ponto de pisar na victima com toda a forca, sentindo um prazer enorme em as ouvir dizer:

—Irra, você não vê!

E elle, amavelmente:

—Perdão—V. ex.ª é que não vê! . . .

Estes gatunos foram remetidos para a Africa e esperam ainda regressar ao continente com algum dinheiro, para virem acabar em croturas esmolto-



UMA GORÇA EXISTENTE NA CERCA DAS NECESSIDADES

res n'uma regeneração que lhes dá por fim lóros de benemeritos.

Porém, o gatuno que entra a apparecer agora, de barbas crescidas e ares tragicos, de navalha em punho e pistola aperrada, que deixa atraz de si um rasto de sangue, alguns cadaveres e moveis arrombados, vem demonstrar que se voltou ao periodo da barbaria de que essas manifestações da escuria são prova.

Diz-se que o grau de mentalidade d'um povo se vê pela sua litteratura e pela sua arte, que se avalia pelas suas bellezas e pelos seus homens. Durante muito tempo a Italia teve a poetica lenda dos bandidos cavalheirosos, que de mascara no rosto e punhos de rondas roubavam como se fossem conquistadores cheios de galanteria, de idéas e de brilhantes, a Alemanha teve com os *Bandidos* de Schiller ladões philosophos, a Franca apresentou os ricos exemplares d'esses audaciosos do *Colar da Rainha*, a Hespanha teve os *Seto Meninos* de Feiga, Portugal foi o paiz que nunca apresentou cavalheirismo nos bandidos e que se limitou no João Brandão e ao José do Telhado. Faz-se tudo grosseiramente em arte e no roubo e sente-se por isso a necessidade de uma obra prima em letras que forme



O BUSTO DE D. JOÃO V QUE ESTÁ N'UM CANTO DA CERCA DAS NECESSIDADES



UM TRECHO DA CERCA DO REAL PAÇO DAS NECESSIDADES

uma escola e reclame-se com toda a urgencia um manual do perfeito ladrão, como já ha um manual de cozinha propriamente nacional. E d'este modo chegaremos a dar brado no mundo com os nossos ladrões, acabará o crime a mão armada que tanto tem medrao ultimamente, e poderemos ser tão orgulhosos dos nossos amigos do ulheio como dos nossos navegadores. . . No fim é apenas uma questão de mais patriotismo e de menos sangue!



UM ASPECTO DA PRAIA DE CASCAES—À HORA DO BANHO DE S. A. R. O SENHOR D. LUIZ FILIPE

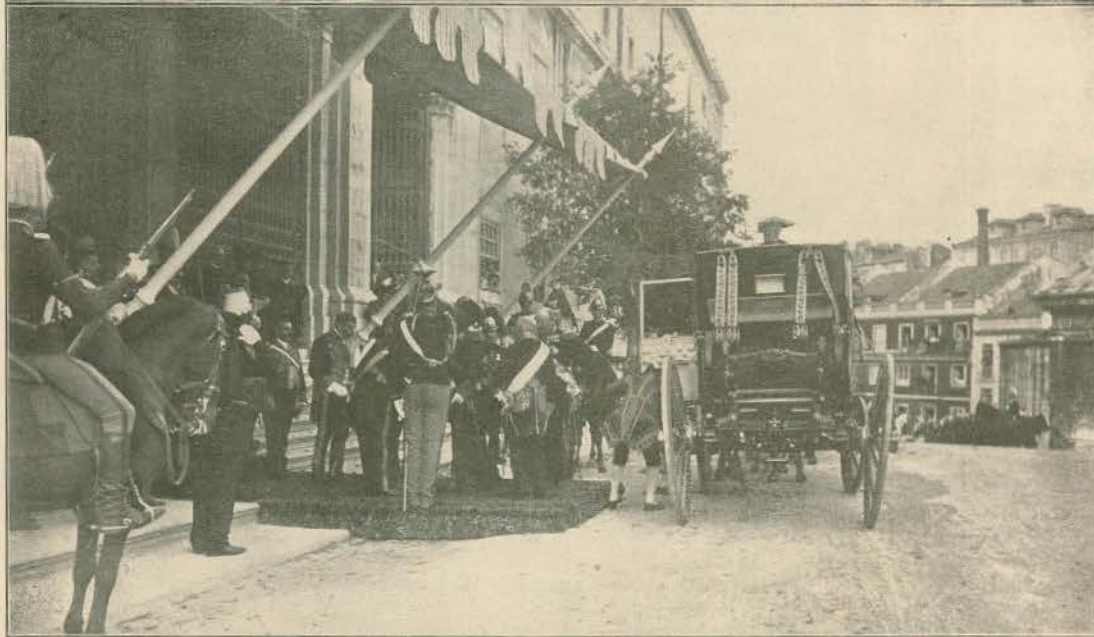
Cascaes já se animou. Chegou a pittoresca villa a familia real e nas manhãs os barcos andam lustros no mar levando por vezes bem gentis senhoras em trajes de banho e que vão a sncher d'alegrria a praia com seus risos. Em frente das barracas de lona ha espectadores e é agradável ser espectador d'esse quadro deveras chato d'interesse.

Além de S. A. toma tambem o seu banho n'aquelle lugar S. M. a' rei: a cert-

monia da corte, a etiqueta, quasi desapparece e a nossa primeira sociedade cerca o soberano, segue S. M. nos seus barcos, havendo sempre uma grande jovialidade. Pouco a pouco o sol vai aquecer e a praia está já repleta de gente. Trocam-se cumprimentos e sorrisos, ha o flirt sob os toldos, fazem-se confidencias, disca-to-se sport, preparam-se as regatas magallanas e conta-se para ellas sempre com o concurso de S. M. que logo de manhã anda na praia e vai nos seus botes pelo mar

dentro, chalo de satisfação e sempre com um sorriso de bondade para todos os que se lhe dirigem.

Vão agora começar em Cascaes as festas deslumbrantes, tanto nos clubs como nas residencias particulares, festas de que algumas são faladas durante o anno com sandades e com admiração.



A ABERTURA DO PARLAMENTO EM 20 DE SETEMBRO

À ENTRADA DAS CORTES: AGUARDANDO S. M. EL-REI—A CHEGADA DE S. M. EL-REI

Com a costumada pompa, foram abertas as câmaras. A cerimonia foi imponente e a ella assistiu todo o elemento official: pães e deputados eschiam o recinto e nas rias formavam em alas as tropas, contendo os curiosos e fazendo guarda de honra.

O discurso da corôa, symbolico e de bella forma, apresenta o estado actual da nação e o chefe do Estado vai lendo pausadamente no passo que a camera escuta respectivamente n'uma tacita approvação.

E' um bom solemne momento aquelle em que diante de toda aquella gente cheia de bordados, de commendas, de titulos, o rei se vê obrigado a dar contas da gerencia dos seus ministros n'esse

resumo que é o discurso da corôa. A sala é vasta e clara e produzia um lindo effeito com todas aquellas lardas scintillantes, com as damas que estavam nas galerias, com todo aquelle apparato e grandes S. M. retiram após uma meia hora de permanencia na camera e dirigem-se logo no combôio real para Cascaes, onde havia brillantissimos festejos que chamaram attenção extraordinaria a commoção. De mar para terra era sarchobedente, sem exagero o dissenso, todo aquelle aspecto da bahia de que parecia surgir um jacto electrico ao analizar-se na sua toalha de luz intensa, forte, igual a uma pluvie scintillante.



UM ASPECTO DAS OBRAS DO PORTO DE LISBOA

As obras do porto de Lisboa são um dos mais importantes melhoramentos da capital. Continuando a publicar trechos das docas, officinas, diques, muralhas e entrepostos, buscamos fazer conhecer esse bellissimo trabalho que dá ao porto de Lisboa uma enorme importancia. Lindissimo no seu aspecto, com as margens borda-

das de verdura e de montes que se alteiam, o Tejo corre a alargar-se, a tocar os paredões fortes, a entrar nas docas onde se fazem já bem importantes trabalhos. Os diques estão montados como os melhores do estrangeiro, assim como as magnificas docas são seguros abrigos para se realizarem todos os concertos de que possam

causar os barcos. A muralha das obras acompanha o Tejo quasi até Cascaes partindo d'Além de Xabregas e é muito solida e ao mesmo tempo simples e de bello effeito, tendo resistido até agora aos embates das ondas que por vezes são fortes e altas.

RESIDENCIAS REAES

(Palacio das Necessidades)

Aposentos particulares — Salões
— Trechos da cercaOS ESCUDOS DAS REAES CASAS
DE ORLEANS E BRAGANÇA

leito, julgara vela sorrir complacente e bondosa no seu manto azul e de estrelas recunado.

Logo que se ergueu e ponde entregou-se de novo aos negócios, mandou erigir uma capella rica no logar, mandou fazer um ninho de pedra para recolher a imagem á qual julgava dever a sua cura.

Corria o anno de 1742 todo de devoções e d'auntos de fé, canonisavam-se a miudo frades que morriam pelos innumeros conventos da cidade e raro era o dia em que nas alfurjas não se dava um caso de milagre. As freiras tinham visões, contavam-se historias diabolicas e

REAL palacio das Necessidades devo o seu nome a uma milagrosa imagem que existe na capella configura e a sua fundação a uma álea supersticiosa de el-rei D. João V. N'uma hora de fé e doença e monarcha fizera conduzir proccionalmente para a sua camara a imagem pobre que em misera capella era sustentada por gente do mar, e no delirio da febre, olhando a dentro as hollandasas finas do



O GABINETE DE TRABALHO DE S. M. A RAINHA

um escriptor estrangeiro dizia que Portugal passava parte do tempo a acreditar na vinda d'um rei Messias e outra a queimar herejes.

Chegára por esta epoca ao reino, com a tradição de valente e coberto de condecorações, o infante D. Manuel, que fugira do paço na sua mocidade, após umas questões com seu irmão D. Francisco, nas quaes o rei tomara o partido do ultimo infante, seu preferido e depois seu inimigo, na recordação do que succedera com

seu pae Pedro II em relação a seu tio Affonso VI. D. Manuel voltou, e o rei, já desilludido das qualidades do outro irmão, recebeu-o de braços abertos, ouviu a narração das suas batalhas ao serviço da Austria com o seu amigo e companheiro de fuga, o filho do conde de Tarouca, e como para lhe fazer esquecer as antigas discórdias comprou a Balthazar Pereira do Lago uma quinta vizinha da capella, mandou edificar um palacio e um convento e doou um ao infante e o outro aos pa-



ASPECTO DO QUARTO DE S. M. EL-REI



OUTRO ASPECTO DO QUARTO DE S. M. EL-REI



A SALA BRANCA, UM DOS APOSENTOS PARTICULARES DE S. M. A RAINHA

des de S. Filipe do Nery, O infante recolhera-se á quinta de Bellas, fugido da corte, no remanso das arvores e na invocação das suas batalhas, e entretanto o architecto Costano Thomaz de Sousa acabou o palacio para o qual D. Manuel foi residir em 1750.

A cêrca foi afumoseada, plantaram-se alli arvôres de sombra, fizeram-se lagos, cascatas, argueram-se muros

príncipes estrangeiros; mas, em 1834, D. Pedro IV e D. Maria II foram residir para alli, vivendo depois tambem alli o senhor D. Fernando—esse artista de raça—que se rodou de maravilhas e engrandeceu em Portugal as bellas artes, como seu filho D. Pedro V, esse rei melancolico, que foi como a resurreiçào de D. Duarte, o letrado, desenvolveu as bellas letras.

Quando um d'estes dias entrámos no palacio das Necessidades, foi a recordaçào d'estes dois soberanos que nos assaltou ao subirmos a escadaria, em funil tapada de vermelho e que esculz á galeria que abre para as salas e para os aposentos particulares de S. M. a rainha senhora D. Amelia.

Na ala opposta do edificio moraram D. Fernando e D. Pedro V e tem agora alli os seus aposentos S. M. el-rei e senhor D. Carlos. A galeria é ampla e clara, toda de dourados e com columnellas, scintillam espelhos nas paredes e soh elles ha pequeninas mesas nas quaes se accorram figuras chinezas de movimento; dos tectos altos pendem lustres e nos rãos das janellas ha potes da India e da China, que ficam bem n'aquelle logar, assim bojutos e opulentos sobre o parquet. E á entrada, com a animar os visitantes, com o seu rosto angelico, cheio de belleza e bondade, ha um busto de S. M. a rainha senhora D. Amelia assignado por J. Franscosch. Ao fim da galeria abre-se uma pequena porta, á traversa a m-se duas salinhas e passasse ao gabinete de trabalho da augusta soberana, todo cheio de recordaçõe dos seus, todo do paz e



O GABINETE PARTICULAR DE S. M. A RAINHA

n'um circulo desde o largo das Necessidades á Boa Morie, onde havia um convento de monges asceticos e pobres, tallaram-se rnas e esperou-se que as arvôres formassem lindos bosques, arranjaram-se jardins onde floresceram plantas e n'um canto mandou-se collocar, mais tarde, um riquissimo busto em marmore de D. João V, o rei magnanimo, busto que ainda alli existe em os attributos de todas as bellas artes e com uma inscripção mais apagada no socco.

Durante annos os reis habitaram Bolem, Ajuda, Queluz e Caxias e nas Necessidades apenas se hospedavam

de singelera.

Sobre a secretaria vasta pousada no tapete de Obisson ha retratos do senhor conde e da senhora condessa de Paris, do senhor infante D. Manuel, e pelas paredes quadros antigos e um Malthôa magifico que é todo de

poesia e de tristeza com o seu ponto de tons roxos; ha um retrato de D. Sebastião, physionomia expressiva de onçada e sonho e no fundo fica um novel com cortinas verdes e sobre elle mais retratos de pessoas queridas: el-rei D. Luiz, Maria Christina de Hespanha e Monsi-nho d'Albuquerque, o heros infelizmente, que começas a espezia e acabou na tragedia. Soh a secretaria um cofre de santalo e n'uma pequenina estante livros predilectos: *La Reue de la Tuberculose* e *Les Deux sables-*



A SALA DO BILHAR

ses de Lavedad. Ha tambem faianças, moveis amplos, uma larga poltrona ingleza e uma cadeira de veludo por detraz da secretaria onde pousam canicas e tinteiros, sinetes d'ouro e papéis timbrados.

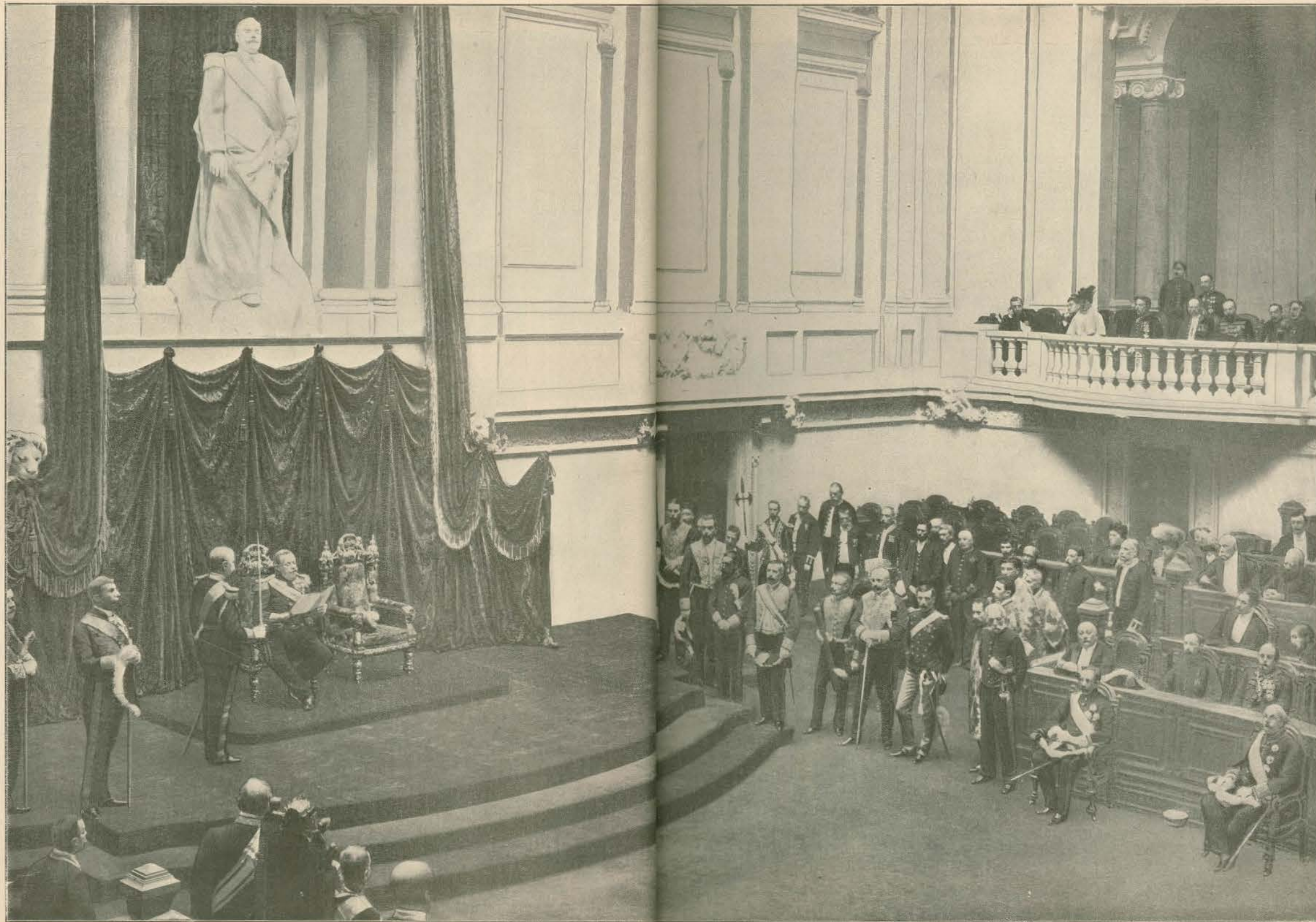
Ao lado um pequenino aposento quasi todo fumado pelo magifico piano que tem ilustraçõe do fariaruga, musica espathadas, trechos classicos e a partitura de *La Pompe*, grande copia de operas, soberbos bordões de Massenet.

Passa-se enão á sala branca contigua ao quarto de S. M. a rainha.

(Continúa no proximo numero)



A FACADA DO REAL PALACIO DAS NECESSIDADES



A ABERTURA DAS CORTES EM 29 DE SETEMBRO—O REI LENDO O DISCURSO DA COROA



AS EXEQUIAS DE D. PEDRO IV NA SÉ—A PASSAGEM DO SR. CARDEAL PATRIARCHA

Todos os annos se realisam na Sé as exequias de D. Pedro IV. Foi o rei soldado que implantou em Portugal o constitucionalismo, fazendo a guerra a seu irmão D. Miguel, que mantinha o principio tradicionalista. As exequias do imperador-rei são sempre revestidas de grande pompa e a ellas assiste, com S. M. o rei, a corte, sendo aos officios presente o sr. cardinal patriarcha. A missa foi este anno celebrada pelo deão da Sé, dr. Boavista, tendo como diácono o reverendo Pimenta, e como sub-diácono os reverendos Moutz e Vasconcellos.

O soberbo templo, com os seus altares illuminados, cheio das vozes dos instrumentos da orchestra, tinha um aspecto todo de imponencia, d'uma maxima grandeza, sobretudo á passagem do

sr. cardinal patriarcha revestido das suas insignias e attributos, entre todas as pompas, seguido por S. M. o rei e pela corte, enquanto os fiéis ajoelhavam.

No Porto, na igreja da Lapa, tambem se fizeram exequias solennes por alma de agosto da-

dos, as quas foram revestidas da maxima solemnicidade.

D. Pedro IV, rei soldado, cheio de bravura e de liberalismo, representa para Portugal um

libertador, como o chefe d'uma dynastia, que, se não seia marcado na historia como tal, ao menos

inaugurou um regimen de liberdades ao entregar as redas de governo a sua filha D. Maria II para

quem conquistou o throno.



A GUERRA RUSSO-JAPONESA: NAS LINHAS DE DEFESA DE PORTO ARTHUR—A RONDA DA NOITE

Com o fragor da noite n'aquellas paragens, tomando-se a todos os momentos espíes e ataques, as sentinelas relam e são rendidas a mimdo. As rondas succedem-se e no silencio que só as alertas interrompem ouve-se de quando em quando um brado: *Quem vem lá!* E as balhoetas brilham no claro da lua, um official avança entre outras balhoetas a dar a senha. Assim a ronda segue pelas fortificações, assim alla vai através das muralhas da cidade, n'uma vigia atenta, n'uma defesa que representa o amor d'uma casa que o menor descuido pôde perder.

Os japonezes levam por vezes a audacia a disfarçarem-se em murradores e, entrando assim nas linhas, arranjam informações para os seus, as quaes muito aproveitam nos ataques e nos assaltos. Por isso, em torno de Porto Arthur, são aperçadas as sentinelas e successivas as rondas que durante toda a noite e de hora a hora passam entre as balhoetas das escoltas, a darem o santo e a senha ás sentinelas.



VILLEGIATURAS REAES: NO MONTESTORIL—UM GRUPO AGUARDANDO A CHEGADA DE S. M. A RAINHA

Junto ao chalet *Maryana*, uma lindíssima edificação da localidade e que pertence á familia Sequeira, formouse um bello grupo de damas e cavalheiros, que aguardavam a chegada de S. M. M. M.

No rio dos Algarves, parte intermedia dos concelhos de Cintra e Cascaes, foi

S. M. a rainha recebida, pelas autoridades de Cascaes, despedindo-se affectuosamente das de Cintra, que a tinham acompanhado até alli. A's cinco horas chegou o cortejo ao Estoril. Houve um verdadeiro delirio, pendiam colchas das janellas, accenavase com bandeiras, soltavam-se pombos brancos que iam pelos aros levam-

de filas azues e brancas suspensas do pescoço. A seguir a carruagem de S. M. M. vinha a do senhor infante D. Affonso e logo de seguida cerca de cinquenta cavalheiros que tinham ido ao encontro da augusta senhora.



O SCENOGRAPHO AUGUSTO PINA



PHILIPPE DUARTE
Autor da musica da revista



O ACTOR JOSÉ RICARDO
Empresario do Príncipe Real



O SCENOGRAPHO EDUARDO REIS



AUGUSTINO ANTUNES
Autor da revista

OS THEATROS DE LISBOA
"O ANNO EM TRES DIAS", REVISTA DO ANNO EM SCENA NO THEATRO DO PRINCEPE REAL; SCENA DO 1.º ACTO—AS FORTAS, TRABALHO DE EDUARDO REIS

MACHADO CORREIA
Autor da revista



APÓS A PARTIDA DE S. M. EL-REI NO ESCALER DO «D. AMELIA»



À VOLTA D'AGUA
PRAIAS: CASCAES



S. A. R. O SENHOR D. LUIZ PHILIPPE A CAMINHO DA PRAIA

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA

ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

Os seus dedos immobilisaram-se a tempo nos gatilhos, prontos a saltar sobre as escovas.

Morto aquelle homem, quem lhe guiará a sege até Belem?

— O Intendente fazia-lhe presente de um segeiro? Acceitava-o.

Atolando na lama os sapatos, Cagliostro seguiu os cavallos pelas cambas dos freios, fez recuar violentamente a sege, entre os muradas de entulho, até á entrada da rua do Conde, e ostendendo o braço para os lados de Belem, disse singelamente, como se o Intendente fosse elle:

— Para o hotel Neutral, a galope! Teus dez cruzados se já chegarmos a uma hora e duas balas na cabeça se pararmos no caminho!

Apossado de terror, o homem fustigou os cavallos e a sege passou, em corrida veloz, o palácio de Joaquim Pedro Quintella, ao tempo em que se ouvia rodar os primeiros coches e relinchar cavallos no Calhariz.

Troveses maiores abalavam os céus. De instante a instante, os relampagos illuminavam a cidade e o rio, onde se nua de guerra e de commercio, ancoradas em frente á alfândega e á Ribeira, balouçavam na crista das ondas tempestuosas.

Através os véus espessos da chuva, que dispersara as rondas dos moirinhos e fugentia as malta nocturnas, a sege corria para Belem, apenas perseguida pelas latidos furiosos e pelos nivos lugubres dos cães vadios, que fossavam os entulhos.

Recollendo as pistolas, recostado na sege, com o saber e o reponso de um monarcha virado e defendido por um exercito, Cagliostro reconstruía o plano de Pina Manique, inutilisado pelo descaminho da escolta e já pensava, sorrindo, na queixa que apresentaria por escrito na Intendencia da Policia, contra o desaparecimento do seu creado e a sua substituição por um desconhecido.

A certeza de que o Intendente não usaria, publicamente, atacar e prender um hospede da nobresa, recebido pelo príncipe herdeiro, tranquillisava-o. Preferia essa lucta de cidades, que realçava o poder do Intendente, a uma perseguição official e declarada, diante da qual toda a resistencia seria inutil. Reconhecia-lhe a confiança nos seus recursos prodigiosos. As suas ambições precediam os acontecimentos, como ossas aves de bonança que vém á péra das nuvens, annunciando a terra. Via-se, á semelhança do conde de Saint Germain, nomeado embaixador do futuro rei nas cortes estrangeiras, encarregado de missões secretas junto dos gabinetes da Europa, exorcendo pela primeira vez com authenticidade os eminentes cargos que já falsamente apresentara na corte de Luiz XV e do Catharina da Russia. Ramificando e restabelecendo o seu poder em todas as lojas maçônicas e associações secretas, estaria permanentemente ao par de todas as conspirações, seria o arbitro de todas as contendas politicas, vigiaria de perto o papado e a realessa, espalharia mil olhos vigilantes pelo mundo, teria entre as mãos os fios de todas as intrigas, os segredos de todos os Estados, a vida de todos os poderosos.

Caminhava mentalmente para essa omnipotencia por cima do cadaver da Rainha, vendo-a já no catafalco, entre brandidos accessos e a corte ajoelhada.

E pelos atoleiros e sob a chuva, a levada sege encasturra corria para Belem, conduzida pelo segeiro do Intendente, arrebatado á policia o futuro valido e a futura favorita d'El-Rei D. José II de Portugal!

Por entre os vapores doirados d'esse sonho, Cagliostro ia calculando methodicamente os ganhos e as perdas d'aquella noite perigosa, dispondo já os exercitos dos seus recursos no campo da lucta do dia seguinte. O deveseador não prejudicava n'elle o homem pratico. Na sua pelle do Arlequim corria o sangue de um Machiavel.

Como um jogador, que joga a fortuna, elle calculava as suas paradas. Teria que resignar em face do príncipe esse magnifico titulo de emprestimo, destinado a ser a ultima e gloriosa encarnação do antigo José Balsamo; armar a munição de conde de Steplian e reaproprietar conde de Cagliostro. O Intendente apressar-se-lhe em desmascarar-lhe. Era necessario antecipar a essa delação e inutilisar-lhe a fulminante surpresa. Para aquelle príncipe, hypnotisado pelas reformas do irmão de Maria Antonieta, e nome de Cagliostro devia ter seduccões irresistíveis. O Intendente perderia a partida! Era preciso ainda dar apparencias de verdadeiro nos vaticinios sobre a enfermidade da Rainha, desarmando as coloras vingadoras do arcebispo, e preparar sob os passos d'esse sumptuoso lord Beckford o abysmo onde se despenharia a vaidado arrogante do emissario secreto da politica inglesa.

Aquella natureza dupla reflectia e vigiava simultaneamente. A sua longa convivência com a policia ensinara-lhe todas as habilidades da espionagem. Os seus olhos mordidos occuliam attentamente o caminhar da sege através á noite. Os seus ouvidos só eram surdos, entre os mil rumores nocturnos, para o soluçar afflictivo e persistente de Lorenza.

Como uma creança conduzida para meio de uma baba-

lia, a pobre boneca vestida de brocados, líria nas suas angustias de corte, sentiu-se desfalecer de terror, relombando as amencas dos olhares inimigos d'esse segeiro, recordando os risos desdentados das damas da princessa do Brazil, na audiencia de Queluz. As visões sinistras dos carcereiros de Santa Poligra e da Bastilla, a memoria dos dias de miseria e de perseguição, enroscavam o seu coração medroso. Assustadamente, ella roviava as fomes e os frios de Londres, as extradições da Russia, todas as derrotas d'essa lucta formidável, travada por um homem contra a credulidade humana.

E as lagrimas descahiam-lhe na face abundantes, pelas faces mosqueadas de signos, ao recordar a quietação e o reponso da vida simples de Roma, na officina do pae, o humilde fundidor de cobre da *strada dei Pellegrini*, até ao dia em que Balsamo, prometendo-lhe paraisos, deslumbrava e conquistava a sua alma infantil e innocente.

Havia dozeito annos que durava aquella vida tumultuosa e vagabunda de bohemos, com mezos de penuria e horas ephemeras de fortuna, dormindo em leitos de brentanha e em enxergas de palha, hospedes de prisões e de carcereiros, com a perseguição incessante das policias em extolhos de terra em terra, de cidade em cidade, de provincia em provincia. Pela primeira vez, sob o carmin e de baixo das lagrimas, a vergonha á Hogg savia-lhe o rosto á lombança das suas noivas de cortejo, dos gosses adulterinos e filletos que homens de todos os palcos tinham vindo procurar na belleza do seu corpo delatado, por um puchado de ouro. A sua memoria caminhava, inquieta e opprimida, pela Hespanha, pela França, pela Inglaterra, pelas Allemanhas, ao encontro d'esses bojes soffregos, que haviam pousado nos seus labios mercenarios de ocreva, exposta a todos os desejos, vendida em todos os leilões.

Inesperadamente, um ruflar de azas brancas enchia de murmúrios o seu seo de creança maculada. A certeza tinha a nostalgia do tempo em que era anjo. Uma primavera, como uma puberdade tarda, alvoroçava as neves d'aquelle coração ignorante. A boneca sentiu-se transfigurou um mulher. Entre esse enxame lubrico do bojes, que ha annos sugava o mel da sua belleza, Lorenza, como uma vaiz rosquidã, donde chuga uma primeira gota d'agua, estremecida á lombança d'aquelle casto bojo da vespera, em que os labios de um príncipe tinham roçado a sua mão linda e corrompida. Através as lagrimas, os seus olhos azues reviram o príncipe entre a cor-



CAGLIOSTRO SUBINDO A ESCADARIA

to, com a sua vestida de setim escarlate, a casaca cinzenta de canhões de veludo vermelho, amudescendo com o olhar fulgurante de coroa e riso das fidalgas, pousando na sua mão pallida e tremula o beijo reparador.

E torcendo entre os dedos o lenço humido das lagrimas, a desbordada sonhava com a felicidade das mulheres que podiam beijar aquella mão real todos os dias!

Agora, a sege, entre atoleiros mais fundos, passava de vagar ante o mosteiro de Belem.

Cagliostro, que abria as cortinas, viu os minaretes e terraços do palácio dos Mariauis, onde palpitavam luzes de vigilla e de onde vinham rumores quasi indistinctos de violões e guitarras, que o vento levava para o mar.

Os seus olhos devassaram as trevas, á procura das rondas. Mas só o marulhar do Tojo, o latir da congouada, o rumorio da chuva e o trinar das guitarras enchião a noite, no caminho ermo de Belem.

Com um grande gesto, Cagliostro voltou a correr as cortinas, porque mesmo na escuridão elle era theatral.

A falta de espectadores, representava para si. As alegrias do triumpho emprestavam-lhe uma magestade enfadada. Por um momento, entreteve-se a bater com os anéis nas coronhas das pistolas, indifferente ao soltar del'le de Lorenza. Viase já embaixador e valido, visitando as côrtes da Europa n'um coche com as armas de Portugal nas portinhólas. Se aquelle principesinho quizesse, far-se-him dançar as chancellarias!

Vamos amanhã a Queluz, condessa, vêr o príncipe repubblicano?—disse de repente Cagliostro, muito baixo, como se fosse— os seus occultos pensamentos que fallassem.

Soh os brocados côr de rosa, Lorenza estremeceu o balcão:

— Senhor, tenho vergonha

Cagliostro calou o seu riso sinistro, ficou por um instante silencioso, n'um abate de espanto.

E com uma galanteria cynica, voltando a si da surpresa, quasi se inclinou n'uma mesura.

— E' a primeira vez, condessa!

Mais timida, quasi perdida entre o vento, como um pãr de ave n'uma tempestade, a voz lacrimosa disse no escuro da sege:

— Senhor, não tenho vestidos para ir á côrte . .

Cagliostro voltou-se bruscamente.

— E' os vntos vestidos de lady Gordon?

— Senhor, foram roubados

E um que se differenciam dos outros, condessa? Parecem-me magníficos! Essa virtuosa lady Gordon quasi os não usou. Recommendo-vos para amanhã o vestido azul. Vae bem ao tom da vossa pelle e ficam-lhe magnificamente os diamantes!

Lorenza vergou a cabeça, e com ambas as mãos na face disse baixo:

— Senhor, os diamantes são falsos . .

Cagliostro retorquiu com um riso secco:

— E quando os tivemos nós verdadeiros?

Contendo os infundáveis soluços, Lorenza murmurou, como n'uma supplica:

— Porque não fugimos d'esta terra, senhor?

Cagliostro deu quasi um salto no assento da sege. O seu espanto la cresceu, e inclida que se tornavam mais obstinados os queixumes de Lorenza. Pela primeira vez, escutava um rumor ainda delib de resistencia nas profundidades d'aquella alma domesticada e escrava. Uma leve inquietude principiava a agitar-o. O aliteiro do seu plano abalava. O novello da sua intriga enrodilhava-se.

Cagliostro ficou por um momento calado, novamente correu as cortinas, espiou em redor a noite tempestuosa, agora illuminada por um claro de luar.

— Não lhe agrada Lisboa, condessa?

— Para que me chamamos condessa?

— Ah! está uma pergunta sensata! Porque vos chamo condessa? *Per Barco!* E' que nunca parceis a condessa de Stephanis do que Lorenza Felicitani!

— Senhor, eu tenho medo!— voltou a pobre voz desfallecida.

— Ter medo é peor do que ter fome! O medo é o crime que mais depressa a policia castiga! O medo é o sentimento dos necios! Tendes medo, condessa, o vides de passar facilmente o serão com a mais poderosa nobreza do reino! Espera-vos em Queluz um príncipe apaixonado — ou que nos apaixonaremos! — e ten-

des medo, condessa! Quando os duques favoritos da imperatriz Maria Theroza me estendeu a mão e o confessor da Rainha me admira, tendes medo! Quando eu vos preparo os destinos de um Du Barry ou de uma Maintenon, vos tendes medo! Quando eu conduzo os poderosos, sem cajado de pastor, para as montanhas da minha ambição, como um rebanho docil de cordeiros, vos tendes medo! Quando começo a subir para o thalamo de um príncipe— quasi um throno! — choras, soluças, tendes medo!

— Em França, todos eram por nós e fomos presos . .

— Todos menos o rei; todos menos a rainha; todos menos Breteuil! Todos menos toda a gente!

— Andae a levantar tempestades!

Cagliostro encolheu os hombros, bateu com a mão no péto.

— Preciso do vento para voar!

— Quo queria d'esta terra, senhor?

— O que ella dor. Ainda agora a comeci a semente!

— Todos nos olham com ameaça, senhor! Em breve se saberá que são falsas as vossas cartas de apresentação. Falsas como as vossas joias, falsas como os vossos titulos, falsas como as nossas riquezas! Lembrae-vos da Bastilha, senhor!

— A Bastilha cahira! — respondem Cagliostro, com alvoroço.

— Senhor, nós somos humildes e fracos!

— Os Medieis eram mercadores e foram príncipes!

Sixto V era um pastor de porcos e foi papa!

— Mandae-me para Roma. Eu tenho medo!

Com uma voz imperiosa, Cagliostro disse baixo, ao ouvido da escrava:

— E' tarde para ter medo!

Lorenza curvou-se para enxugar as lagrimas. A sege parou.

Bateando na cabeça o tricrino preto, Cagliostro affastou as cortinas de couro, procurou no bolso da vesta do setim uma moeda de ouro, esperou que os creados descessem com luzes a esxada de pedra da hospedaria.

A sege parecia ter viajado uma semana. Os cavallos resfolegavam. Dos seus dorsos arquejantes elevava-se um vapor humido e denso.

(Continúa.)

FOLHETIN N.º 6





1.º TENENTE LHOTTE DO REGO
Novo commandante da canhoneira *Bengo*



O MONUMENTO DO BUSSACO ELEVADO
COMO PADRÃO DAS VICTORIAS DO EXERCITO
ANGLO-LUSO CONTRA OS FRANCEZES



THOMAR:—UMA DAS MARGENS DO NAEÃO

CHRONICA ELEGANTE

As casas de modas do Lisboa annunciam para breve a abertura da estação de Inverno, exhibindo as ultimas novidades vindas das grandes cidades da Europa, e



FIGURA 1

contado, nos centros elegantes ainda se aproveita o delicioso sol de outubro para gosar as derradeiras semanas de villegiatura nos Estoril, Cascaes, Figueira, etc. E' o moço das festas nos casinos e clubs, das regatas elegantes que se podem realizar com pleno sol, sem que este nos queime com os seus inflammados raios de julho e agosto; representa a mais seductora quadra de transição para as tristes brumias do inverno, que já se presente, mas do qual se vae sentir apenas o lado agradável e convidativo. Nos casinos e clubs de praia apparecem as mais deliciosas *toilettes* de noite, ainda frescas e garridas como no verão, mas com umas notas

mais ricas e mais luxuosas. Os bordados fazem furôr. Todos os tecidos se bordam actualmente; a *mousseline*, a gaze, o tulie mais tenue e transparente supportam tanto os bordados como os pesados velludos e sedas. E' claro que a qualidade e materiaes com que se borda é que differem. Os tulies e tecidos finos ornam-se de grinaldas de flores artisticamente lançadas e compostas as flores d'uma especie de mosaico feito de tecidos diversos, velludos e sedas de cores apropriadas e matizadas, contribuindo a propria qualidade das sedas, com os seus variados reflexos, para accentuar mais o matiz.



FIGURA 2

As sedas fortes e velludos bordam-se com flores e outros desenhos no genero *rococo*, entrelaçados com fitas em laçadas fixas com lantejoulas, perolas e *cabochons*.

As fazendas de lã bordam-se de *soutaches* e cordão entremetido com applicação de velludo de seda e de pellica. A *mousseline* de seda branca ou de cor clara borda-se em grinaldas a seda frouxa ou grandes ramos sobretudo de hortensias feitos com fiavellos de seda. Alguns vestidos tem um folho muito alto todo bordado *au point* de flores gigantescas, *chrysanthemos*, *girasoes*, cachos de *glycines*.

As *pailettes* não morreram; continuam a usar-se, misturadas com contas, fitas e galões de froco, para servir de moldura a applicações e outros ornatos. Até os sapatos de baile estão sendo bordados profusamente; as

meias de seda ostentam graciosas grinaldas verticalmente dispostas.

Os casacos de abafar de genero elegante tambem se bordam na gola, caudões e adiante, sendo graciosissimos em cor clara com flores e arabesces a matiz com franjas das cores dos bordados.



FIGURA 3

FIG. 1—*Paletot* Luiz XV em seda gorgorão creme com cabecão e cinto bordados a matiz. *Toga President* em pello de seda preto com pluma e *agrafe* de aço.

FIG. 2—*Toilette* para menina, em panno *gris manché* de branco arivado de seda branca. Chapen de feltro branco com *draperie* de velludo *gris*.

FIG. 3—*Toilette* em seda cor de tabaco; *paletot* em panno *mousseline beige* com *empieusement* bordado a seda tabaco. Chapen de velludo castanho com pluma.